

ALINE SANTANA OLIVEIRA
VITORIA CRISTINA SANTANA DE OLIVEIRA

**A RESISTÊNCIA NEGRA FRENTE A POPULAÇÃO RACISTA: ERROS
JUDICIAIS E INJUSTIÇAS NO SISTEMA PENAL**

Trabalho acadêmico apresentado ao Centro universitário São Lucas Ji-Paraná, para obtenção de grau na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso em Direito.

Prof. Orientador: Teófilo Lourenço de Lima

Ji-Paraná
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

O48r Oliveira, Aline Santana.

A resistência negra frente a população racista: erros judiciais e injustiças no sistema penal. / Aline Santana Oliveira; Vitoria Cristina Santana de Oliveira. – Ji-Paraná, 2025.

7 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Direito) – Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná, 2025.

Orientador: Prof. Esp. Teófilo Lourenço de Lima.

1. Racismo estrutural. 2. População negra. 3. Sistema penal. I. Oliveira, Vitoria Cristina Santana de. II. Lima, Teófilo Lourenço de. III. Título.

CDU 34:323.14

A resistência negra frente a população racista: erros judiciais e injustiças no sistema penal

Aline Santana Oliveira^{1*}, Vitoria Cristina Santana de Oliveira², Teófilo Lourenço de Lima³,

¹³ Acadêmica do 8º período do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. E-mail: alinesantana345as22@gmail.com

² Acadêmica do 8º período do Curso de Direito, Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná - JPR, Ji-Paraná, RO, Brasil. E-mail: vitoriasantana7878@gmail.com

³ Professor orientador, Pós-graduado em Administração e Planejamento para docentes pela ULBRA (1996). Pós-graduado em Inovação, Gestão e Práticas Docentes no Ensino Superior pela Faculdade Santo Agostinho (2021). Licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (1996). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário São Lucas Ji-Paraná. Ji-Paraná, Rondônia, Brasil. E-mail: teofilolourencodelima@gmail.com

1. Introdução

A abolição da escravidão no Brasil foi um marco importante, mas não garantiu a igualdade que muitos esperavam. As marcas desse passado ainda estão vivas. Elas aparecem em oportunidades limitadas, em espaços que a população negra ainda luta para ocupar e em estruturas que, muitas vezes, continuam favorecendo os mesmos grupos.

Mesmo diante dessas dificuldades, a população negra nunca se calou. Desde a escravidão, a resistência se mostrou de várias formas: na criação de quilombos, nas fugas, na preservação de tradições e da cultura. Hoje, essa força segue presente nas ruas, nas redes sociais, nas escolas e nas artes. A luta por igualdade não acabou; ela apenas se transformou, adaptando-se aos desafios do presente.

Com este trabalho, busca-se refletir sobre como o racismo estrutural ainda se manifesta no Brasil hoje. A intenção é ir além do passado, olhar para o cotidiano e entender como o preconceito se mostra, muitas vezes de forma sutil, mas com consequências reais. Mais do que apontar problemas, este estudo quer provocar reflexão, dar voz a quem sente o racismo na pele e mostrar a urgência de uma sociedade mais justa.

2. Materiais e métodos

A análise das fontes revelou algo que, infelizmente, é uma realidade difícil de ignorar: o racismo estrutural ainda está muito presente no Brasil. As estatísticas do IBGE e do IPEA falam por si mesmas. Elas mostram que a população negra continua enfrentando enormes desigualdades seja no acesso à saúde, à educação, no mercado de trabalho ou até mesmo na segurança pública. Mas, se fosse só isso, a gente poderia se perder na frieza dos números. O que realmente toca, o que realmente faz a gente entender a profundidade dessa desigualdade, são as histórias de vida.

Quando a gente lê livros como *Na Minha Pele*, de Lázaro Ramos (2017), ou *De Bala em Prosa*, uma obra coletiva composta por relatos de 14 escritores (2020), percebe que essas histórias não são apenas pessoais, mas coletivas. Elas nos mostram um retrato de um Brasil onde, mesmo depois de tanto tempo, a cor da pele ainda define o destino de tantas pessoas. Elas nos ajudam a enxergar que o que está em jogo não são apenas índices e gráficos, mas vidas que se veem constantemente à margem de um sistema que deveria ser para todos, mas que, na prática, é para poucos.

Essa pesquisa teve o intuito de ir além dos números frios. Pretendia-se entender o que esses dados realmente significam na vida das pessoas. Por isso, aplicou-se uma abordagem qualitativa, buscando conectar as experiências pessoais com as informações quantitativas. Ao examinar os relatos de quem vive o racismo, como nas obras mencionadas, e comparando com os números apresentados pelos órgãos como IBGE e IPEA, foi possível enxergar a desigualdade sob uma ótica mais humana. Não se trata apenas de um dado que está ali, no papel. Trata-se de uma realidade que está acontecendo agora, em cada esquina, em cada escola, em cada empresa.

3. Resultados e Discussões

Ao analisar diferentes fontes, foi possível constatar que o racismo estrutural continua presente no cotidiano brasileiro. Dados recentes do IBGE e do IPEA indicam que as pessoas negras ainda enfrentam desigualdades significativas em áreas como

saúde, educação, mercado de trabalho e segurança. Os relatos presentes nas obras *Na Minha Pele* e *De Bala em Prosa* reforçam esse quadro, ao exporem experiências recorrentes de discriminação vividas por pessoas negras em diferentes contextos sociais. Esses registros, embora subjetivos, contribuem como material qualitativo valioso para compreender a profundidade das desigualdades raciais. Em relação à representação midiática, observou-se um aumento na presença de pessoas negras em espaços de destaque.

Quando nos deparamos com os dados do IBGE (2020) e do IPEA (2023), é impossível não perceber que o racismo estrutural no Brasil não é uma questão distante, mas algo que pulsa a cada dia, afetando diretamente a vida de milhões de brasileiros. Os números mostram uma disparidade brutal: pessoas negras têm menos acesso à saúde, à educação de qualidade, a boas oportunidades no mercado de trabalho, e são vítimas de violência de maneira desproporcional. Mas, para compreender o real impacto dessa realidade, é necessário ir além das estatísticas. As histórias pessoais, as experiências vividas, são aquelas que realmente humanizam o problema

Lázaro Ramos (2017), com *Na Minha Pele*, e a coletânea (2020), com *De Bala em Prosa* escrita por 14 autores, não apenas relatam suas vivências, mas também ampliam o olhar sobre a realidade negra e periférica por meio de múltiplas vozes narrativas. Eles nos oferecem uma janela para a dor e a luta constante que é ser negro em um país que frequentemente vê suas vidas como menos valiosas. Essas histórias não são apenas sobre eles, são sobre nós. São relatos que fazem a gente parar e refletir: “Eu realmente entendo a extensão disso?” E o pior, são relatos que a sociedade, de maneira geral, costuma ignorar, ou até minimizar. As experiências de discriminação que esses autores relatam não são casos isolados; são episódios diários de um sistema que segrega, marginaliza e exclui.

Quando falamos de racismo, muitas vezes nos esquecemos que o racismo não está apenas na violência explícita das ruas, mas na maneira como as pessoas negras são tratadas em cada espaço da sociedade. O caso de João Pedro, aquele adolescente negro que foi brutalmente assassinado durante uma operação policial, é apenas um entre muitos que mostram o quão desigual o sistema de segurança pública ainda é no Brasil. Não é só um nome, um número. Ele era alguém com uma vida, com

sonhos, com uma família. E a dor que a sua morte provocou não se limita aos seus entes queridos; ela reverbera na sociedade como um todo. É um lembrete de que todas as vidas negras estão em risco em um sistema que constantemente os vê como “suspeitos”.

A série Olhos que condenam é um exemplo de como as histórias de discriminação podem atravessar fronteiras, mas também um alerta. Ela não é uma realidade distante, como se vivêssemos em uma bolha, alheios ao que acontece no mundo. O racismo que é retratado ali é o mesmo que encontramos aqui: a diferença é que, muitas vezes, no Brasil, ele tem uma cara ainda mais insidiosa, disfarçada de justiça. E isso nos leva à ideia da meritocracia. Em uma sociedade que insiste que o sucesso é fruto apenas do esforço pessoal, o racismo é disfarçado, invisibilizado, camuflado. Quando se diz que qualquer pessoa pode chegar onde quiser, desde que trabalhe duro, se ignora as barreiras gigantescas que o racismo coloca no caminho de quem nasce negro no Brasil.

A meritocracia, nesse sentido, funciona como um véu que encobre a verdadeira razão das desigualdades. Ela não leva em conta que, enquanto uns correm uma maratona, outros estão com as pernas amarradas, correndo com obstáculos invisíveis. E isso ganha ainda mais força nos relatos diversos de De Bala em Prosa, obra composta por 14 autores (2020) nos ensina de forma clara: o sistema não premia a equidade, ele premia a igualdade de oportunidades que, no Brasil, não existem para todos. Quando ignoramos essas desigualdades estruturais, permitimos que o sistema continue operando como uma máquina de exclusão. E é essa exclusão que, dia após dia, vai empurrando milhões de pessoas negras para a marginalidade, para a invisibilidade.

4. Considerações finais

Este estudo vai além dos dados; é um alerta sobre a realidade do racismo estrutural, uma violência que, embora silenciosa, fere profundamente a vida de pessoas negras. A representatividade, por si só, não é suficiente. Ela deve ser um catalisador para a verdadeira transformação institucional, social e individual.

A pergunta que ecoa é: o que faremos a respeito? A escuta ativa, a educação antirracista e as políticas públicas eficazes são mais do que meros conceitos; são ações urgentes e necessárias. A luta contra o racismo não é apenas uma questão de justiça social, mas de humanidade. A mudança começa em cada um de nós na forma como olhamos e nos relacionamos uns com os outros.

Este trabalho não é um ponto final, mas sim um lembrete de que a batalha continua. É um convite para agirmos com urgência e empatia, convictos de que um mundo mais justo para todos é possível, contanto que estejamos dispostos a lutar por ele.

5. Referências

DUVERNAY, Ava (dir.). **Olhos que condenam**. Produção de Ava DuVernay, Jeff Skoll, Jonathan King, Oprah Winfrey, Jane Rosenthal e Berry Welsh. Estados Unidos: Netflix, 2019. 1 minissérie (4 episódios).

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2020**. Brasília: IBGE, 2020.

IPEA. **Atlas da violência 2023**. Brasília: IPEA, 2023.

OLIVEIRA, Vanessa; GASPAR, Gabriel Rocha; CUSTÓDIO, Túlio; BREDÁ, Tadeu (org.). **De bala em prosa: 24 autores negros em confronto com o genocídio**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

RAMOS, Lázaro. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.